

Moçambique revisitado - seguindo os “passos” do Prof. Soares de Carvalho

“Si tu veux faire avancer la science ne crois jamais a ce qui dit le patron”.

Nunca me esquecerei desta frase que ocupava um lugar de destaque nas paredes do gabinete, atulhado de livros, de amostras e de ficheiros vários que o Prof. Soares de Carvalho ocupava no pré-fabricado onde funcionava o Departamento de Ciências da Terra da Universidade do Minho.

Corria o ano de 1983 e eu estava a tentar começar a sério a investigação para a minha tese de doutoramento. Tinha conhecido o Prof. Soares de Carvalho pessoalmente, há alguns meses, na reunião do Quaternário Espanhol, realizada em Santiago de Compostela e em Vigo.

Para alguém que estava a começar a investigação era um pouco intimidante contactar directamente com alguém que era uma referência importante da Geologia de Portugal. A situação normalmente agravava-se se se tratasse, como era o caso, de uma geógrafa perfeitamente consciente das deficiências dos cursos de Geografia relativamente a certas matérias dos domínios da Geologia, facto que produzia, habitualmente, um certo complexo de inferioridade em relação aos colegas geólogos.

Acontece que o Prof. Soares de Carvalho, foi, durante muito tempo, um dos raros geólogos a compreender e apreciar o trabalho dos geógrafos. Por algum motivo o ligaram laços de cooperação e intercâmbio científico com Jean Tricart, da Universidade de Strasbourg, referência obrigatória para os geomorfólogos da minha geração.

O Prof. Soares de Carvalho atendeu-me muito gentilmente e, pacientemente, ensinou-me técnicas de análise morfoscópica que foram essenciais para a prossecução da minha investigação.

A partir desse momento tive, com o Prof. Soares de Carvalho, contactos frequentes e sempre muito proveitosos, que me levaram a conhecer e a admirar cada vez mais a sua estatura de ser humano e de investigador.

Percebi então, com uma clareza meridiana, que a frase da parede do seu gabinete não era uma mera figura de retórica, mas sim algo de muito sentido e muito profundo.

Surpreendeu-me sempre, e cada vez me surpreende mais, a imensa capacidade de inovação que ele sempre evidenciou.

O Prof. Soares de Carvalho está sempre pronto a ensaiar novas ideias, a experimentar novas técnicas, a ir à frente de investigadores muito mais novos... por vezes já instalados no quotidiano e na rotina. Trata-se de uma atitude coerente com a frase citada no início deste texto, particularmente notável numa pessoa que atingiu o estatuto de “patrão”. Atitude essa que frequentemente lhe acarretou problemas, dificuldades e incompreensões. Problemas que sempre enfrentou com coragem, sem nunca se deixar abater.

No momento em que escrevo estas linhas estou em Moçambique ao abrigo de um projecto de cooperação entre algumas universidades portuguesas e a Universidade Eduardo Mondlane, patrocinado pela Fundação Calouste Gulbenkian.

Senti necessidade de enquadrar as matérias a leccionar aos alunos na Geologia da África Austral, requisitei, na Biblioteca da Faculdade de Letras, o livro de S. H. -*The stratigraphic History of Africa South of Sahara*.

Apercebi-me, então de que todos os capítulos referentes a Moçambique estavam discretamente assinalados no índice da obra. Todos eles tinham sido lidos, e os aspectos mais relevantes da Geologia de Moçambique tinham sido cuidadosamente sublinhados, a lápis.

De repente, encontrei uma pequena anotação com uma letra familiar e inconfundível. O Prof. Soares de Carvalho tinha consultado esse livro, não só para conferir as referências que aí eram feitas ao seu trabalho sobre a Geologia do Deserto de Moçâmedes, mas sobretudo, para analisar todas as referências que eram feitas à geologia de Moçambique.

Aquela pequena anotação sobreviveu a todas as convulsões pelas quais Moçambique passou e manteve-se durante vinte e cinco anos, contando uma história que me emocionou.

Mas não foi esse o único sinal da passagem do Prof. Soares de Carvalho em Moçambique.

A guerra e as turbulências várias destruíram muito do esplendor da antiga Lourenço Marques.

Tenho pena que o Prof. Soares de Carvalho não venha revisitar esta terra a que o ligam fortes laços afectivos... mas talvez seja melhor assim. O choque talvez fosse demasiado grande e doloroso.

Para alguém que construiu e montou o melhor laboratório de Ciências da Terra de África, como é unanimemente reconhecido, seria muito triste ver que hoje nada resta e é com muito esforço que se tenta partir do zero, para chegar a um nível vários furos abaixo daquele que já se atingiu.

À medida que a minha estadia se prolonga, cada vez me são mais úteis as pequenas referências marcadas indelevelmente no meu espírito pelas conversas com o Prof. Soares de Carvalho, iludindo as saudades do tempo em que cá estive com conselhos sobre os sítios a visitar. A Inhaca, a Ponta do Ouro...

É curioso como um pequeno nada, uma referência aparentemente sem importância, pode mudar a vida de alguém.

Foi o saber, através das referências do Prof. Soares de Carvalho, do interesse que Moçambique tem sob o ponto de vista geomorfológico que determinou a minha decisão de vir aqui pela primeira vez, há cerca de 4 anos. E essa primeira visita acarretou, naturalmente, esta segunda visita.

Isto para já não falar da maneira como me introduziu às areias da Ponta Vermelha, que constituem o substrato sobre o qual a maior parte da “cidade de cimento” do Maputo está construída.

É evidente que todos nós podemos ser detonadores de atitudes, de ideias novas. É por isso que um Professor, um Investigador, pode ser importante para muita gente, ter uma projecção que vai muito para além do seu alcance directo e mesmo da projecção que ele próprio possa imaginar.

Porém, a influência que cada um de nós tem sobre os outros só é positiva se a vivência que está por detrás dela for uma vivência rica.

Porque teve uma vida rica o Prof. Soares de Carvalho pode enriquecer com o seu exemplo, com a sua influência, as vidas de muita gente.

Por isso, no aparente remanso de uma estadia em Maputo, onde supostamente deveria ter tempo para redigir um artigo científico que estivesse à altura do Homenageado, apeteceu-me, de repente, falar do Homem e do Investigador e dos sinais da sua passagem em Moçambique.

Cada vez é mais claro para mim que estamos todos ligados por laços, aparentemente ténues, mas muito mais eficazes do que cada um de nós pode pensar. São os laços que nos ligam uns aos outros que permitem que cada um de nós possa contribuir para o progresso de todos, dinamizando todos aqueles que nos rodeiam.

Neste momento, a minha homenagem ao Prof. Soares de Carvalho, passa por lembrar o esforço de todos aqueles que lutam para que as ciências da Terra, em Moçambique, tornem a adquirir o brilho que já tiveram.

Essa homenagem é extensiva a todos aqueles que lutaram e lutam ainda pela qualidade, pela inovação e pelo progresso da ciência, em Moçambique.

Numa altura em que uma violenta catástrofe natural se abateu sobre o povo Moçambicano, a nossa solidariedade vai, também, para todos aqueles que se empenham em criar condições de vida para uma população massacrada por sucessivas calamidades.

Estamos a celebrar a longa e profícua vida de alguém que, aos oitenta anos tem uma juventude de espírito que faz inveja a muita gente com metade da sua idade. Alguém que nunca se deixou anquilosar, que sempre avançou com técnicas, métodos e ideias novas.

Mais do que manifestar-lhe a nossa admiração pela maneira como conduziu a sua vida e pelo modo como contribuiu para o crescimento de todos nós, a melhor forma de

mostrar-lhe o nosso agradecimento é mostrar que as suas ideias, o seu esforço e as suas lutas não foram em vão.

Por isso, há que imitá-lo nas suas atitudes, na sua capacidade de inovação, tentar ser, como ele, um elo nessa cadeia infindável no sentido do progresso, para que as ideias que ele sempre defendeu não sejam esquecidas.

Maputo, Outubro de 1999
Porto, Maio de 2000